



## “SOU PARA CASAR” OU “PEGO, MAS NÃO ME APEGO”: UM ESTUDO SOBRE AMOR E JOVENS

Paula Pinhal de Carlos<sup>1</sup>  
Mara Coelho de Souza Lago<sup>2</sup>  
Miriam Pillar Grossi<sup>3</sup>

### *Introdução*

Este trabalho busca verificar quais são as práticas afetivas de jovens, bem como suas representações acerca da conjugalidade e do amor. Partimos de autores como Anthony Giddens (1993) e Zigmunt Bauman (2004), que observam que há uma transformação no modelo de “amor romântico”, que toma configurações mais fluidas, expressas nas categorias “amor confluyente” e “amor líquido” e nos baseamos esses três modelos teóricos sobre o amor para explicar as categorias *pegar*, *namorar* e *casar*, utilizadas pelos jovens pesquisados.

Este texto insere-se na tese de doutorado da primeira autora, que está em andamento, realizada junto ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração de Estudos de Gênero, para a qual foi realizada uma pesquisa multi-situada, que envolve um trabalho de campo desenvolvido em uma escola pública de Porto Alegre/RS, oficinas sobre amor, realizadas dentro do Projeto Papo Sério, desenvolvido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da mesma universidade, e pesquisa em comunidades do Orkut sobre a temática. Ficaremos limitadas, aqui, à exposição e análise dos dados colhidos na escola pública de Porto Alegre.

Nesse local foram efetuadas observações das aulas, oficinas e entrevistas individuais com os alunos matriculados no segundo ano do ensino médio em 2009 e, no terceiro ano do ensino médio, em 2010. A escola possuía três turmas nessas séries, com cerca de trinta alunos cada uma. Esses alunos possuíam entre 15 e 18 anos na época da realização do trabalho de campo. Procurei direcionar meu foco para os alunos mais velhos da escola que, em tese, poderiam dar maiores contribuições, já que o tema consiste nos relacionamentos afetivos. Tal informação também condiz com as trajetórias afetivas descritas pelos resultados da Pesquisa Gravad (HEILBORN *et al.*, 2006), que pesquisou relacionamentos estáveis em jovens a partir dos 18 anos.

---

<sup>1</sup> Aluna do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista do CNPq.

<sup>2</sup> Professora do DICH e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC.

<sup>3</sup> Professora do DICH e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFSC.



Durante o segundo semestre de 2009, foi realizada a primeira parte do trabalho de campo, envolvendo a observação das aulas das três turmas do segundo ano do Ensino Médio e, posteriormente, quatro oficinas sobre a temática da pesquisa, com alunos que participaram voluntariamente da atividade. Nessas oficinas, os alunos discutiam reportagens sobre o tema da pesquisa, comentavam vídeos sobre o tema e buscavam na internet imagens, músicas ou textos que demonstrassem o que era ficar, namorar ou amar para eles. Já no primeiro semestre de 2010, quando esses mesmos alunos cursavam o terceiro ano do Ensino Médio, foram realizadas entrevistas, também apenas com os voluntários, que continham perguntas sobre pegar, namorar e casar, de forma a verificar suas práticas afetivas e suas representações acerca da conjugalidade e do amor. As falas diretamente reproduzidas nos itens a seguir foram retiradas dessas entrevistas. O anonimato dos interlocutores é preservado pelo uso de pseudônimos.

*O amor líquido: “pego, mas não me apego”*

Para analisar a categoria *pegar*, que representa uma das práticas desses jovens, é preciso mencionar o conceito de *amor líquido*, de Bauman (2004), pois é a partir desse modelo teórico que pretendemos analisá-la. Esse sociólogo polonês, fundamenta seu entendimento sobre os dias atuais na noção de *liquidez*. Em “Modernidade líquida” (2001), associa as características da contemporaneidade às dos líquidos. Isso porque, ao acondicionarmos um líquido em um frasco, temos a ilusão de que ele possui aquela forma. No entanto, basta o retirarmos do recipiente que notaremos que não possui forma alguma e que qualquer tentativa de moldá-lo será em vão. É com base, portanto, nessa noção de liquidez, que o sociólogo criará a categoria do amor líquido.

Bauman (2004) parece primeiramente buscar distinguir o amor líquido do amor que parece considerar verdadeiro. Para ele, o amor verdadeiro é único, idéia que traz consigo a noção de *alma gêmea*. O autor parece diferenciar amor de paixão. É possível apaixonar-se mais de uma vez na vida, mas não amar mais de uma vez na vida. No entanto, na contemporaneidade a experiência da paixão seria tomada como experiência do amor. Haveria, portanto, uma espécie de nivelamento “por baixo” das experiências afetivas. Os testes pelo quais uma experiência deve passar para ser denominada de amor estariam muito fáceis. O exemplo que ele dá é o do uso da expressão *fazer amor* em referência a “noites avulsas de sexo” (p. 19).

Para Bauman (2004), na atualidade pensa-se que é possível aprender a amar, motivo pelo qual o número de relacionamentos afetivos seria relevante. Quanto mais nos relacionamos, melhor amaremos. Então, tornamo-nos mais aptos a vivenciar uma experiência afetiva mais proveitosa.



Logo, o próximo relacionamento necessariamente será melhor do que o atual. A maioria dos interlocutores menciona a necessidade de experimentar algumas ou diversas relações afetivas, seja antes de namorar, morar junto ou casar. Sendo assim, é preciso ficar com várias pessoas antes de namorar alguém e é preciso namorar algumas ou várias vezes antes de morar junto ou casar. Eles entendem, sobretudo no caso da conjugalidade, que as experiências anteriores podem ser determinantes para o sucesso e a estabilidade da relação afetiva.

Essa necessidade de experiência é descrita na fala de Renata (16 anos): *eu acho que tu tem que ter tido experiências antes porque se tu for a primeira vez assim, sei lá, tipo [...] sentir alguma coisa assim tu não vai saber se aquilo é forte ou não. Tipo, gostar de outras pessoas, sabe, pra ti poder comparar assim, por exemplo, sei lá, se eu gostei de poucas pessoas, daí a primeira vez que eu gostei forte de alguém eu vou me casar com ele. Daí, na lua de mel tu vai conhecer o porteiro do teu hotel e tu vai gostar muito mais dele.*

Se antes podia ser eterno, as experiências amorosas constituem-se de “episódios intensos, curtos e impactantes” (BAUMAN, 2004, p. 20). Essa modalidade de relacionamento estaria perfeitamente inserida na instabilidade da pós-modernidade, ambiente no qual não é produtivo fixar-se e adquirir hábitos. Nas práticas descritas pelos jovens pesquisados, não há episódio mais curto do que o *pegar*. O *pegar* consistiria numa forma ainda mais efêmera do que o *ficar*. Ambas as expressões são utilizadas para descrever relacionamentos efêmeros e que envolvem, na maioria das vezes, beijos e carícias, não chegando ao ato sexual. Os jovens podem ficar na escola, em festas ou em locais públicos, por exemplo. Para eles, o ato de *pegar*, contudo, diferencia-se do de *ficar* por um menor grau de comprometimento com o outro. Trata-se de um relacionamento descartável, no qual se pode beijar sem saber o nome da pessoa. Além disso, *pega-se* alguém quando não se pretende ver (ou mesmo *pegar*) essa pessoa novamente: *quando a gente tá lá na festa e tal e vem aquele guri, aí tu vai pegar ele, entendeu. Aí ficar pode ser uma coisa mais séria. Tu tem algum tipo de sentimento por aquela pessoa. [...] pegar é uma expressão [...] não sei, feia assim que a gente usa, né, pra tu chegar na festa e beijar alguém* (Bárbara, 16 anos).

Um dos pontos mais importantes da argumentação de Bauman (2004), contudo, é a sua visão do amor líquido como consumo. A experiência amorosa seria vista como uma mercadoria a ser consumida. Como um produto à venda, prometeria “desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço” (p. 22). Falando sobre a diferença entre *pegar* e *ficar*, uma das interlocutoras fala do desapego que envolve essa prática: *parece que pegar é aquela coisa mais do momento, de*



*“ah, tô afim de pegar, peguei e deu”. Pegar e largar. É uma coisa mais, sei lá, desapego total assim (Marisa, 16 anos).*

É como um desejo a ser saciado que o amor seria visto na contemporaneidade, conforme esse autor. Sendo assim, os relacionamentos, assim como os produtos, tornam-se descartáveis e devem ser consumidos instantaneamente, pois, ao nos envolvermos em um relacionamento, também fechamos as portas momentaneamente para outros. E, assim como os produtos eletrônicos, os relacionamentos também teriam novas versões, sempre mais aperfeiçoadas do que as anteriores e feitas sob medida para despertar um desejo muito forte de possuí-las.

É preciso ressaltar, ainda, a diferença existente entre o uso desse termo por meninas e meninos. De acordo tanto com as interlocutoras quanto com os interlocutores, são os meninos que utilizam mais a expressão: *as gurias é mais “ah, eu fiquei, ah, não sei o que”. E guri tá cagando e andando. Porque guria se pega 20, é galinha, e guri que pega 20 é garanhão (Gabriela, 16 anos).*

Beck e Beck-Gernsheim (2001), sociólogos alemães que tratam de questões relacionadas aos modos de vida contemporâneos, ao tratar do que denominam de “futuro do amor”, falam em uma desmistificação da religião do amor. Nesse sentido, estão em convergência com a vinculação que Bauman faz entre amor e consumo, pois entendem que o amor seria submetido a causalidades, condições e balanços, consistindo numa forma híbrida entre mercado e imediatez, buscando os indivíduos o ideal do amor calculável, seguro e otimizado. Trata-se, dessa forma, da *escolha* descrita por um dos interlocutores: *não existe amor à primeira vista. [...] pra ti começar a amar uma pessoa tu vai ter que ter um relacionamento com ela anterior, tu vai ter que conversar com ela. E se tu tá dizendo que tu não escolheu ela pra amar isso é mentira porque tu te aproximou dela ... tu não foi obrigado a ficar perto dela, teu coração não te obrigou a ficar perto dela, tudo quem começou foi tua mente, foi tu. Pra mim, amor é escolha (Eduardo, 17 anos).*

Em relação à sua duração, o amor líquido não só é eterno enquanto dura, como tem sua continuidade constantemente avaliada, afirma Bauman (2004). É como se tratássemos de um mercado de ações. Os relacionamentos passam a ser vistos como investimentos, que só valerão a pena enquanto continuarem a gerar lucros relevantes. Essa avaliação é descrita por Marisa (16 anos), quando ela fala sobre o amor: *o amor é uma coisa... não constante, porque às vezes tu pode acordar de manhã e ah, de repente “não gosto mais do fulano”, sabe? Mas, também não é assim “tá, não gosto mais do Fulano”, é assim “talvez não esteja mais tão legal como...”.*

O amor líquido é personificado, ainda, no que Bauman (2004) denomina “relação de bolso”, que encarnaria a instantaneidade e a disponibilidade. O sujeito está sempre no controle desse tipo de



relação: não há entrega nem trocas. Aqui não há paixão, mas apenas conveniência. Se o compartilhamento não é uma característica importante desse tipo de relacionamento, é preciso manter-se do jeito que se é. Se a relação fugir aos seus propósitos, “é hora de seguir adiante” (p. 37), o que ocorrerá com pouquíssimas feridas, para que logo se esteja pronto para outro relacionamento.

*Namorar: amor confluyente?*

Para analisar as considerações dos jovens sobre o *namoro*, é preciso trazer aqui o conceito de *amor confluyente*, de Giddens (1993). Para o autor, a noção de amor confluyente tem como base o amor romântico, associado principalmente à emancipação e autonomia sexual femininas. Essas modificações também são ressaltadas por Mirian Goldenberg (2005), para quem a menor durabilidade dos arranjos conjugais e a sua flexibilização se deveria principalmente à intensificação da vida erótica do casal e a uma maior independência econômica das mulheres. O amor confluyente, para Giddens, não se baseia na *identificação projetiva*, que levaria à “sensação de totalidade com o outro”, mas na “abertura de um em relação ao outro” (p. 71), tendo respaldo, sobretudo na intimidade. Márcia (16 anos), por exemplo, fala do que pensa sobre casamento e morar junto, tratando dessa abertura descrita pelo autor: *Tu gosta de estar com a pessoa, principalmente se tu gosta dela, é muito bom, ter um companheirismo, com quem dividir a tua vida de sempre*. Também Marisa (16 anos) trata desse tema, utilizando a categoria de *complementaridade*: *não usar a pessoa pra completar a tua vida e sim pra complementar, sabe?*

Segundo Giddens, (1993), o amor confluyente não pode ser considerado único e eterno. Ele é *ativo* e *contigente*. Se o amor romântico era “para toda a vida”, o amor confluyente é “eterno enquanto dura”. Nos relacionamentos baseados nesse tipo de amor o objetivo não é a busca da *pessoa especial*, mas do *relacionamento especial*. Dessa forma, seria possível ter mais de um relacionamento especial, com pessoas diferentes, não tendo mais lugar a busca da “alma gêmea”. Perguntado sobre qual seria o requisito sentimental para casar ou morar com alguém, Igor (16 anos) relativiza o encontro da alma gêmea: *Eu acho que se tu gosta daquela pessoa já é um ponto pra tu casar. Não precisa ser aquela pessoa que tu morre de paixão por ela, mas também que tu gosta muito. Já pode casar, mas daí não vai ser uma coisa tão duradoura quanto se encontra tua alma gêmea*.



A idéia do amor confluyente também tem, para Giddens (1993), um fundamento numa maior igualdade entre os sexos. Ninguém aqui precisa ser resguardado do envolvimento, seja ele afetivo ou sexual. Deve existir uma “igualdade na doação e no recebimento emocionais” (p. 73).

Essa maior igualdade entre os sexos é expressa, na fala dos jovens pesquisados quando eles se referem à questão de quem pode tomar a iniciativa, quando se trata de *pegar* e *ficar*. É interessante perceber que nenhum dos meninos referiu ser um problema quando as meninas tomam a iniciativa. Aqueles que se declaram tímidos até preferem que isso ocorra e os demais entendem que é bom que a responsabilidade por essa iniciativa seja dividida. No entanto, há algumas meninas que afirmam que é papel dos meninos tomar a iniciativa e outras que, embora não concordem com a afirmação anterior, dizem não ter coragem para *chegar* nos meninos.

Essa igualdade também está de acordo com os resultados da pesquisa efetuada por Goldenberg (2005), com indivíduos de camadas médias urbanas cariocas. A antropóloga demonstra que ideais românticos e valores igualitários parecem andar lado a lado. Os ideais românticos são percebidos na descrição dos pesquisados sobre a vida de casal ideal. Assim, a noção de “carametade”, relatada por meio de valores tais como companheirismo, cumplicidade, interdependência e complementaridade entre os cônjuges, é mencionada. Ao mesmo tempo, a preservação da liberdade e da individualidade, bem como a necessidade de independência financeira de ambas as partes, valores igualitários, são referidas.

Também é possível ver isso nas palavras de Marisa (16 anos): *Eu acho que cada um tem que ser a sua vida e eles estão construindo uma vida juntos, claro, vão ter uma família, mas cada um com a sua vida, cada um com seu sobrenome, cada um com a sua conta. Eu não acredito em “ah casou, virou um só”. Eu acho péssimo, não faria isso.* Para a Goldenberg (2005), isso revela que o discurso dos seus entrevistados romperia com a “dualidade tradicional *versus* moderno”: “ideais tradicionais aparecem nas respostas masculinas e femininas ao lado de outros mais modernos, que valorizam a igualdade, a liberdade e a individualidade nos relacionamentos” (p. 86).

Cabe salientar também o papel das relações sexuais para o amor confluyente. Antes permitidas apenas após o casamento, aqui elas têm um papel fundamental. A realização sexual dos envolvidos é de extrema importância, seja para a manutenção ou dissolução do relacionamento. Tampouco o relacionamento afetivo-sexual se limita à heterossexualidade e deve ter como destino necessariamente o compromisso, na forma do noivado ou do casamento.

Isso está de acordo com a exaltação da sexualidade descrita por Del Priore (2006). Para a autora, o casamento e a sexualidade sempre estiveram sob controle, seja da Igreja, da família ou da



comunidade. Com a separação da sexualidade da procriação, ela foi desculpabilizada pela Psicanálise e até exaltada. “A ausência de desejo é que passa a ser perseguida” (p. 312). É a realização pessoal que está acima de tudo: o casamento é fundado sobre o amor e não-obrigatório, o divórcio não causa mais vergonha e os cônjuges são tratados com igualdade.

Não há, também, como tratar das novas configurações familiares sem aludir à institucionalização do divórcio, fato que torna o casamento legalmente dissolúvel. A legislação que instaura o divórcio no Brasil é de 1977. Antes desse período, o instituto do desquite era o que contemplava as separações conjugais. No entanto, ele não dissolvia o vínculo entre marido e mulher, não permitindo, pelo menos formalmente, a formação de novas uniões conjugais.

Os divórcios e separações mais constantes, contudo, não fazem com que as pessoas abandonem a instituição do casamento. É o que refere Goldenberg (2005), tratando das mudanças efetuadas nos modelos de conjugalidade no Brasil, buscadas, sobretudo, por indivíduos de camadas médias urbanas. Ela ressalta que as pessoas continuam a ter o desejo de casar e constituir família, embora sem ficar restrito ao modelo tradicional. É isso o que pretendemos mostrar no item a seguir

*Casar ou morar junto: até dá para ser feliz sozinho, mas é muito mais legal estar com alguém*

Para analisar a categoria *casar* ou a categoria *morar junto*, utilizadas pelos jovens pesquisados, faremos em primeiro lugar, uma explanação sobre o *amor romântico*. Esse modelo, surgido no século XIX, está intrinsecamente conectado à emergência da família burguesa, agora nuclear, diante da redução do seu número de membros e conferindo maior supremacia aos indivíduos. A família moderna também traz consigo aspectos também muito relevantes à emergência do amor romântico no que tange a questões de gênero, como a separação entre público e privado, (sendo este o espaço destinado às mulheres), a invenção da maternidade e uma maior valorização da intimidade, aspectos que serão posteriormente explicados.

Nota-se aqui a presença de uma conexão vital entre as transformações da sociedade e aquelas operadas no âmbito da família, ponto já destacado por Elisabeth Roudinesco (2003), em “A família em desordem”. Maria Ângela D’Incao (1989) também ressalta a importância de não considerar a família como uma instituição universal, nem tampouco pensar os valores da família moderna como universais. Nesse sentido, destaco que a análise efetuada neste trabalho restringe-se ao contexto ocidental, especialmente europeu e americano. Segundo Thales de Azevedo (1981), o modelo do amor romântico surge no momento em que há também modificações substanciais na família, pois a escolha do cônjuge deixa de ser realizada pelo *pater familias* e o casamento passa a



ser visto não como apenas uma garantia da ordem social, mas como um *locus* de realização pessoal dos indivíduos.

O sociólogo inglês Anthony Giddens, que tem estudado a modernidade contemporânea, afirma, n<sup>o</sup> “A transformação da intimidade” (1993), que o amor romântico começou a se fazer presente no final do século XVIII, incorporando algumas idéias do *amor paixão*, mas, ao mesmo tempo, se distinguindo dele. O termo *amor paixão* tem origem na obra de Stendhal (1999), autor que, ao examinar a natureza do sentimento amoroso, acaba por classificá-lo em quatro tipos: amor paixão, amor gosto, amor físico e amor vaidade. O primeiro, que nos interessa aqui, geraria o prazer sublime, por meio do abandono do interesse próprio. É o amor de Romeu e Julieta (SHAKESPEARE, 2002), por exemplo, aquele que nos leva a cometer loucuras e a agir contra nossos próprios interesses. Nessa clássica obra da literatura mundial, os amantes pertencem a famílias inimigas e seu amor culmina no seu duplo suicídio, diante da sua impossibilidade de concretização plena.

Giddens (1993) faz ressalvas ao significado atribuído pelo autor anterior ao termo, embora o utilize. Para o sociólogo, o amor paixão resultaria da conexão entre amor e ligação sexual. Ele é considerado socialmente perigoso, pois implica um envolvimento emocional invasivo, perturbando as relações pessoais dos indivíduos por ele envolvidos. Por ser tido como incompatível com o matrimônio, o amor paixão cede lugar a um amor mais doméstico, próximo ao dever e limitado pelas relações conjugais, conforme Maria Helena Bueno Trigo (1989). Os ideais do amor romântico vinculam-no à liberdade, não apenas enquanto quebra de rotina e dever, como ocorre no amor paixão. Para o amor romântico, o amor sublime tende a predominar sobre o apelo sexual. O amor romântico abarca a sexualidade, mas rompe com ela e a pessoa com a qual se relaciona é distinguida como especial, capaz de tornar sua vida completa. “O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece [...]: o indivíduo fragmentado torna-se inteiro” (p. 56).

Comparativamente ao modelo anterior, no qual o *pater familias* possuía um papel de grande intervenção na escolha dos cônjuges, que era feita com base na homogamia, Trigo (1989) salienta que, com o amor romântico, teria havido um alargamento do conceito de igual. Este passou a abarcar também o colega de trabalho, o companheiro de atividades, de lazer etc. Portanto, nível de instrução, profissão e poder aquisitivo passam a ser critérios de igualdade. Dessa forma, percebe-se que as características individuais, mais do que aspectos políticos ou econômicos, começam a ter peso na eleição dos objetos de amor.



A autora ainda afirma que, a partir da vigência da noção de amor romântico, o amor fica circunscrito aos limites do matrimônio, sendo dessexualizado ou direcionado para a procriação. Com isso, a sexualidade é camuflada. Verifica-se, também, uma ausência do discurso erótico e a valorização do mito da virgindade, associada à pureza. O amor como algo circunscrito aos limites do casamento e também a questão da procriação estão presentes no discurso de algumas jovens, como Renata (16 anos), quando responde se tem ou não vontade de se casar no futuro: *tenho, de branco... na igreja assim. Tenho muita vontade, muita vontade. [...] Eu quero me casar com uma pessoa que eu goste mesmo, sabe, que eu quero que seja o pai dos meus filhos, essas coisas assim.*

Além do aspecto relacionado à sexualidade, outro elemento fundamental do amor romântico consiste na “busca”, descrita por Giddens (1993). “A busca é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro” (p. 57). Se nas histórias românticas medievais a heroína era passiva, nos romances modernos ela produz ativamente o amor. É o seu amor que faz com que ela seja amada, pois ela faz estremecer o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente.

Além da busca, cabe ressaltar a idéia de que o amor, quando encontrado, é “para sempre”. Essa noção de eternidade está presente no discurso dos jovens, que referem muitas vezes que o amor quando é verdadeiro não acaba: *se é um relacionamento entre homens e mulheres e eu amei o meu parceiro, depois que o nosso relacionamento acabar eu vou continuar amando ele pelo resto da minha vida, como pessoa, como tudo. O amor eu acho que ele nunca acaba* (Márcia, 16 anos). A eternidade do amor ajudou a manter o caráter subversivo do amor romântico sob controle, vinculando-o ao casamento e à maternidade. Segundo Trigo (1989), foi conseguida uma harmonia entre o casamento e o que a sociedade convencionou chamar de amor.

### *Considerações finais*

É possível perceber, a partir da pesquisa realizada com esses jovens, que as três noções de amor parecem nortear suas práticas afetivas. O amor líquido pode ser personificado na noção de *pegar*, que designaria esse relacionamento furtivo e sem envolvimento, no qual pode ocorrer inclusive apenas um beijo em uma festa, por exemplo. O amor confluyente, por sua vez, parece estar muito atrelado à prática do *namoro*, para a qual o companheirismo parece ser um requisito fundamental. Por fim, ainda está presente, nas suas falas, características atribuídas ao amor romântico, sobretudo quando os jovens tratam do que entendem como o real significado do amor e de relacionamentos futuros estáveis, que adviriam das ações de *casar* ou *morar junto*.



### Referências

- AZEVEDO, Thales de. Namoro à antiga: tradição e mudança. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto; VELHO, Gilberto. *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, 1981, p. 219-275.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *El normal caos del amor: las nuevas formas de la relación amorosa*. Barcelona: El Roure; Paidós, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- D'INCAO, Maria Ângela. O amor romântico e a família burguesa. In: \_\_\_\_\_ et al. (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 57-71.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HEILBORN, Maria Luiza et al. (orgs.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006.
- MELER, Irene. Amor y convivencia entre los géneros a fines del siglo XX. In: BURIN, Mabel; MELER, Irene. *Género y familia: poder, amor y sexualidade en la construcción de la subjetividad*. Buenos Aires: Paidós, 2006, p. 129-162.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- STENDHAL. *Do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, Maria Ângela et al. (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 88-94.